

INSIGHTS SOBRE A REPRESENTAÇÃO DAS VOGAIS PRÊTONICAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL: DADOS DE DESENVOLVIMENTO FONOLÓGICO E DE ESCRITA INICIAL

INSIGHTS ON THE REPRESENTATION OF PRETONIC VOWELS IN BRAZILIAN PORTUGUESE: DATA ON PHONOLOGICAL DEVELOPMENT AND EARLY WRITINGS

Ana Ruth Moresco Miranda¹

Resumo: Neste artigo, dados de aquisição da linguagem oral e escrita são analisados e discutidos a fim de que se possa refletir sobre a representação das vogais prêtonicas, especificamente aquelas que no sistema vocálico adulto estão sujeitas a regras variáveis tais como a harmonia vocálica e o alçamento. Os dados da fala de uma criança acompanhada longitudinalmente apontam para um sistema pretônico de duas alturas que gradualmente passa a três. Os dados de escrita, por seu turno, apontam para a consolidação do sistema vocálico correspondente àquele descrito como sistema-alvo. Duas ideias centrais acerca das representações infantis estão na base da argumentação apresentada: elas formam-se a partir do input disponível e são significativamente afetadas pela aquisição do sistema ortográfico.

Palavras-chave: aquisição da fonologia, vogais pretônicas, representações fonológicas

Abstract: In this paper, data on oral and written language acquisition have been analyzed and discussed in order to enable reflection on the representation of pretonic vowels, mainly the ones that are subject to variable rules, such as vowel harmony and raising, in the adults' vowel system. Data on a child's speech, which was followed by a longitudinal study, have pointed out a two-height pretonic system that gradually becomes a three-height one. Data on writing, however, have shown the consolidation of a vowel system that corresponds to the one described as the target one. Two central ideas regarding child representations have supported the argument defended in this paper: they develop according to available input and are greatly affected by the acquisition of the orthographic system.

Keywords: phonological acquisition, pretonic vowels, phonological representations

¹ Professora da Universidade Federal de Pelotas, pesquisadora do CNPq.

Introdução

A variação no sistema átono, cuja manifestação está relacionada ao fato de haver uma neutralização entre as vogais médias e as altas, é uma marca característica do português brasileiro. Neste artigo², dados de aquisição da linguagem oral e escrita serão abordados, a fim de que se possam analisar as alternâncias observadas nas produções infantis, especialmente aquelas produzidas em contexto pretônico. As hipóteses que norteiam este trabalho podem ser assim formuladas: (i) crianças adquirem o sistema vocálico já com a informação de que nas pautas átonas há perda de oposição entre unidades que compõem o conjunto de vogais integrantes do sistema; (ii) crianças atribuem às unidades vocálicas apenas traços de ponto e especificam valores para o traço [alto]; (iii) crianças, gradativamente, apropriam-se de regras variáveis e, à medida que aprendem a escrita alfabética em sua forma ortográfica, completam suas representações fonológicas, as quais passam a corresponder àquelas de falantes adultos.

Há um conjunto de pressupostos que subjazem à linha argumentativa adotada neste estudo, os quais serão brevemente referidos. Em relação à aquisição fonológica, deve se salientar que, na base, está a ideia de que a criança constrói sua gramática sonora a partir do *input* que recebe em sua comunidade de fala. Com isso, não se quer dizer que o ponto de partida da aquisição é o zero, pois está sendo considerada aqui a existência de princípios inatos capazes de guiar e determinar a forma do conhecimento que será adquirido, de um modo bastante restritivo e altamente organizado (CHOMSKY, 1965:131). Trata-se, portanto, de perspectiva segundo a qual a linguagem se desenvolve na criança graças a uma capacidade natural do ser humano para construir gramáticas.

Este é um pressuposto relevante à argumentação que será desenvolvida, especialmente quando somado à observação de que há um longo caminho a ser percorrido pelas crianças em um tempo verdadeiramente exíguo. Os estudos sobre desenvolvimento fonológico no Brasil (cf. MATZENAUER e MIRANDA, 2012a) mostram que a gramática sonora da língua estará adquirida em toda sua complexidade até os quatro ou cinco anos. Neste sentido, é inequívoco afirmar que se faz necessário, a qualquer estudo disposto a tratar de dados do desenvolvimento, levar-se em conta o processo, reservando o espaço à mudança e às diferenças individuais, sem abrir mão da elegância descritiva dos modelos teóricos, muitos dos quais voltados às gramáticas adultas e não àquelas em desenvolvimento. Isto significa dizer

2 O presente trabalho integra pesquisa apoiadas pelo CNPq –Processo nº 309199/2011-5 – e pela FAPERGS – Processo nº 11/1294-0.

que qualquer tratamento a dados de aquisição terá de considerar aspectos psicológicos essenciais aos modelos psicolinguísticos, os quais são capazes de explicar o fato de as crianças construírem uma gramática própria que se configura em uma versão do sistema adulto.

Os estudos do desenvolvimento lingüístico das crianças revelam uma evolução de gramáticas sonoras mais simples – com formas não-marcadas, em se considerando traços e estruturas prosódicas como as sílabas – a gramáticas que correspondem àquelas observadas no sistema-alvo, o do adulto. De acordo com estudos sobre aquisição fonológica, as unidades básicas tomadas pela criança serão inicialmente as palavras e, em momento posterior, por volta dos dois anos de idade, fonemas e traços (MACKEN 1979, 1995). Ao tomar o segmento e o traço como unidades básicas da fonologia, a criança fixa sua atenção sobre aquilo que é distintivo e é exatamente das oposições verificadas que ela extrairá as categorias sonoras com as quais irá operar.

No que tange à aquisição da escrita, é importante esclarecer que, neste estudo, tal processo é interpretado como parte do processo mais amplo de aquisição da linguagem, em uma perspectiva que garante aos dados de escrita inicial o estatuto de informação capaz de oferecer sustentação a análises linguísticas, sobretudo, por se tratarem de dados que fornecem pistas sobre processos de atualização do conhecimento lingüístico infantil.

Neste estudo, a atenção volta-se para o sistema vocálico português, especificamente o pretônico, em que se observa a presença da neutralização, fenômeno cujo resultado é a eliminação de oposição entre as vogais médias altas e as médias baixas (*sol-solaço* e *pedra-pedrada*) e a manutenção de uma tênue distintividade entre médias altas e altas, fato que reserva o lócus para a aplicação de regras variáveis tais como a harmonia vocálica (*coruja-curuja*; *menino-minino*) e o alçamento sem motivação aparente (*boneca-buneca* e *senhora-sinhora*).

Considerando os aspectos já mencionados, a saber, a especificidade do processo desenvolvimental e o modo de funcionamento do sistema pretônico, foram formuladas algumas questões às quais serão procuradas respostas, ainda que seja por meio da formulação de hipóteses interpretativas. São elas: i) o que mostram os dados de aquisição da linguagem em relação à pauta pretônica? ii) quais os indícios nos dados de fala de crianças pequenas acerca da representação do sistema vocálico, especificamente no que concerne às vogais médias altas e altas? iii) qual o comportamento das crianças em relação a regras tais como a Harmonia Vocálica (doravante HV) e o alçamento? iv) quais são os efeitos da aquisição da escrita sobre as representações fonológicas das vogais médias?

Para a abordagem dessas questões será feita uma contextualização do fenômeno em foco, ou seja, do funcionamento da pauta pretônica com referência a estudos sincrônicos e diacrônicos e, na seção seguinte, serão abordados estudos que tratam da aquisição vocálica por crianças brasileiras. Após breve menção a aspectos metodológicos, serão apresentados dados de aquisição da linguagem de um sujeito acompanhado longitudinalmente bem como resultados da observação de dados de escrita extraídos de textos espontâneos e também de grafias obtidas por meio da utilização de um instrumento criado para o estudo. Por fim, serão tecidas as considerações finais.

O sistema vocálico do português: a pauta pretônica

Sete fonemas integram o sistema vocálico do Português Brasileiro (PB), produzindo contrastes que somente são observados na posição tônica (cf. CÂMARA Jr., 1970). A comutação de vogais em um conjunto mínimo como apresentado em (1) resulta em alterações no significado veiculado pelas palavras:

(1)

s/a/co	s/ɛ/co	s/o/co	s/u/co
s/e/co	s/i/co	s/ɔ/co	

Tal conjunto de unidades, capazes de alterar significados na língua, sofre redução nas posições não-tônicas, manifestando assim a assimetria do sistema, como um resultado do processo de neutralização que elimina o contraste entre as vogais médias, /e/-/ɛ/ e /o/-/ɔ/, na posição pretônica e diante de consoantes nasais, e entre médias e altas na posição átona final /e/-/i/ e /o/-/u/. O resultado da neutralização produz pautas como as que estão apresentadas em (2):

(2)³

a) pretônico						b) postônico final					
		/i/				/u/				/i/	/u/
			/e/	/o/							
			/a/							/a/	

No sistema pretônico, em (a), a distintividade entre as vogais médias é perdida, ficando a pauta reduzida a cinco fonemas. Em (b), a redução

3 Na posição postônica não-final, o sistema é variável e pode ocorrer, além da neutralização das médias baixas, /e/-/ɛ/ e /o/-/ɔ/, a perda de distintividade entre o /o-e/ e o /u-i/, o que faz com que 'pér[u]la' alterne com 'pér[o]la' e 'núm[e]ro' com 'núm[i]ro'.

é mais drástica e a pauta das vogais átonas finais reduz-se a três fonemas apenas. Neste contexto há a possibilidade de alternâncias, como mostram Lee e Oliveira (2003), em exemplos como ‘r[e]polho’ e ‘f[o]foca’ ou ‘r[ɛ]polho’ e ‘f[ɔ]foca’, produções de falantes dos dialetos paulista e soteropolitano, respectivamente; ou ainda a emergência de formas como ‘pat[o]’ ~ ‘patu[u]’ e ‘leit[e]’ ~ ‘leit[i]’, como se observa em cidades do Rio Grande do Sul tais como Cruz Alta e Pelotas, por exemplo.

Em relação ao contraste existente entre as vogais médias e as altas no sistema português, especificamente na posição pretônica, pode se destacar o baixo grau de distintividade entre elas. Se considerados os pares mínimos existentes, tem-se um conjunto reduzido de pares como mostram os exemplos em (3), a seguir:

(3)

pelar-pilar	bocal-bucal
pesado-pisado	moral-mural
velar-vilar	polar-pular
selada-cilada	angolar-angular
pecado-picado	solar-sular
soar-suar	morada-murada

A posição pretônica é aquela em que fenômenos variáveis, tais como a Harmonia Vocálica (HV) e o Alçamento, nos quais vogais médias alternam com vogais altas⁴, são observáveis sincronicamente. As flutuações hoje observadas vêm sendo registradas desde há muito tempo, como o faz Silva Neto (1970:609) ao referir-se às vogais átonas portuguesas cuja realização pode *oscilar, quer dentro de Portugal, de região para região, de classe social para classe social, de indivíduo para indivíduo, quer ainda na pronúncia do mesmo indivíduo de palavra pra palavra ou na mesma palavra em circunstâncias diversas.*

Referindo-se ao falar brasileiro, Souza da Silveira (1940) salienta que a vogal coronal, o ‘ê’ pretônico, está sujeita a dois tipos de harmonização vocálica, a qual pode ser desencadeada pela presença da vogal coronal ‘i’ ou da dorsal ‘u’, tendo o primeiro contexto papel favorecedor mais destacado à HV. O autor mostra também que a vogal dorsal, assim como a coronal, está sujeita à HV e, na pronúncia carioca, três possibilidades são observadas para o ‘o’, pode se ouvir [ɔ], [o], [u], como em ‘moc[ɔ]t[ɔ], c[o]l[o]sso, c[u]r[u]ja. Souza da Silveira aponta ainda para uma relação entre o diminutivo

4 Observa-se também, em dialetos do PB, alternâncias entre médias altas e baixas como mostram Lee e Oliveira (2003), mas neste estudo, pelo fato de os dados serem produzidos em dialetos nos quais a média baixa se manifesta apenas na posição tônica, será referida apenas a alternância entre médias altas e altas.

e a manutenção do timbre da vogal, o que ilustra com exemplos como ‘c[o]rpo’, ‘c[o]rpinho’, mas ‘c[u]rpinho’, quando significa ‘colete de senhora’. A presença da vogal alta como condição para o alçamento nem sempre se verifica como mostram exemplos de mudanças observadas na diacronia, nos quais a vogal média passou para alta, como em ‘molher’ e ‘carpenteiro’ que passaram a ‘mulher’ e ‘carpinteiro’.

Bisol (2013) identifica a regra variável da HV como a promotora da mudança histórica que colocou as variedades européia e brasileira do português em rumos distintos, em se considerando o funcionamento das pautas vocálicas. Em seu estudo sobre a evolução do português, considerando cinco períodos evolutivos (séculos IX-XII – inicial; séculos XIII-XV – medieval; séculos XVI-XVIII – clássico; século XIX – crítico; séculos XX-XXI – contemporâneo), a autora localiza no século XIX a linha separadora responsável pelos diferentes caminhos trilhados pelas variedades portuguesa e brasileira. Mostra a naturalidade da regra de HV no processo histórico e a naturalização de processos de alçamento para os quais não há gatilho aparente, e que, por sua aplicação, passam ampliar os conjuntos de palavras já existentes.

A HV, regra muito antiga que já tem registro no latim vulgar, como mostram palavras presentes no *Appendix Probi*, vai, com o passar dos séculos, ganhando mais espaço nos registros de época e passa a dividir com o Alçamento a lista de flutuações observadas na fala, sendo a última regra registrada como resultado de equívocos dos falantes e a primeira como regra natural. Para Bisol (2013), o século XIX é o período em que a mudança resultante da conspiração entre três processos fundamentais – neutralização, assimilação e centralização – se estabelece e passa a diferenciar os dialetos português e brasileiro, cujas marcas mais evidentes passam a ser a centralização para aquele e a HV para este.

No século XX, já com o apoio de registros orais, Bisol (1981) trata em sua tese da variação das vogais pretônicas de dialetos do Sul do Brasil, a partir de uma perspectiva neogramática. A análise da variação pretônica na pronúncia de quatro comunidades sociolingüísticas do Rio Grande do Sul, realizada por Bisol (op. Cit.), definiu os fatores condicionantes da regra de Harmonia Vocálica (HV) e também do alçamento de vogais médias em palavras nas quais não havia vogal alta. Vinte anos depois, em 2002, Schwindt replica a pesquisa de Bisol, considerando apenas os dados em que há contexto para HV, deixa de lado aqueles em que, apesar de não haver motivação aparente, o Alçamento se observa. Os dados por ele analisados mostram que houve aumento no índice de aplicação da regra e que o ‘ó’, assim como mostrou o estudo de Bisol, é a vogal que mais sofre a HV.

Há, como já mencionado, alçamentos envolvendo pretônicas, não relacionados à HV, os quais indicam aplicação de regras quase categóricas com

baixos índices de variação, seja o alçamento das vogais em posição de início de palavra, seja o alçamento da vogal média sem motivação aparente. A elevação das médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo (cf. BATTISTI, 1993) e o alçamento da pretônica de palavras como ‘boneca’, ‘tomate’ e ‘pedestre’, por exemplo (cf. KLUNCK 2007), são fenômenos que em dialetos do sul do Brasil apresentam pouca variação. Para o primeiro, o alçamento da vogal coronal inicial /e/ seguida de /N/ e /S/ é regra de aplicação quase categórica nos dados estudados e, para o segundo, a variação, isto é, alçamento e não-alçamento das médias em palavras sem contexto para HV, é raramente observada, atingindo preferencialmente a vogal dorsal /o/ e indicando uma variação lexical, já que ocorre mais frequentemente em palavras aparentadas, como por exemplo em *ch[u]vendo*, *ch[u]veu*, *ch[u]ver*.

A aquisição do sistema vocálico do português

Os estudos sobre a aquisição segmental no Brasil, de modo geral, dão maior ênfase à aquisição das consoantes, possivelmente por se tratar de processo mais complexo que demanda mais tempo e pressupõe maiores contrastes. A pesquisa de Rangel (2002), pioneira por focalizar especificamente a aquisição do sistema vocálico por crianças brasileiras, estabelece, a partir da análise de dados longitudinais de três sujeitos, a ordem de aquisição do sistema vocálico do PB em quatro níveis: /a/, /i/, /u/ > /e, o/ > /ɔ/ > /ɛ/. Em uma releitura dos mesmos dados, Matzenauer e Miranda (2009), considerando a pouca diferença relativa ao tempo de emergência entre as vogais médias baixas coronal e dorsal /ɛ, ɔ/⁵, optam pela caracterização do processo de aquisição do sistema vocálico da língua em três etapas, a saber: vogal baixa e vogais altas > vogais médias altas > vogais médias baixas, posição que, segundo as autoras está de acordo com a hipótese de que contrastes menos frequentes e pouco salientes na língua são de aquisição mais complexa e tardia.

Em estudo sobre dados de aquisição da fonologia das vogais do PB, com foco nas vogais tônicas e pretônicas, Matzenauer e Miranda (2012b) analisam a aquisição de fenômenos categóricos e variáveis nos estágios iniciais da aquisição da língua com base em dados de duas meninas acompanhadas longitudinalmente. As autoras propõem três etapas para a aquisição do sistema tônico e duas para o pretônico, em consonância com o que propuseram em 2009. As etapas propostas estão sumariadas em (4):

5 Das três crianças acompanhadas longitudinalmente por Rangel (2002), apenas uma apresenta primeiro a emergência da vogal /ɔ/ em relação à vogal /ɛ/; nas outras, a emergência das vogais médias baixas ocorre no mesmo estágio.

(4)

<i>Tônica</i>	<i>Pretônica</i>
1ª etapa – produção das altas e baixas e estabilidade no ponto e alternância vogais baixas e médias baixas	1ª etapa – (pode ser simultânea à 2ª) a criança mostra preferência pelas vogais altas e faz alçamentos que o adulto não faz
2ª etapa – surgimento das médias, mas elas alternam entre si: médias baixas a médias altas ou <i>vice-versa</i>	2ª etapa – (pode ser simultânea à 3ª) a criança estabelece relações mais estreitas entre as vogais e a pauta acentual
3ª etapa – correspondência entre a forma fonológica e a lexical: produções semelhantes as da língua-alvo	

A ideia explorada por Matzenauer e Miranda (2012b) é a de que a criança precisa compreender e produzir estruturas linguísticas a partir do *input* que recebe. As categorias (fonológicas e lexicais) que compõem suas representações subjacentes tem de ser extraídas das pistas fonéticas e gráficas a que ela tem acesso. Com base nestas duas premissas, serão abordados os dados deste estudo com o objetivo de que as modificações representacionais que ocorrem ao longo do processo de desenvolvimento linguístico possam ser discutidas.

Aspectos metodológicos

Neste artigo, serão apresentados dados de dois corpora, um de linguagem oral outro de escrita. Os dados de aquisição da linguagem oral foram produzidos por um menino chamado V e os registros de fala⁶ vêm sendo sistematicamente realizados desde janeiro de 2011, com periodicidade mensal, desde que o menino completou 1:05. Os registros dos dados são feitos por meio de anotações feitas pela pesquisadora, gravações em áudio e em vídeo.

Os dados de escrita pertencem a uma amostra composta por erros ortográficos, referentes às grafias de vogais médias pretônicas, extraídos de textos que integram o BATALE (Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita – FaE/UFPel)⁷. Os dados apresentados neste estudo compõem o primeiro estrato do Banco e foram produzidos por crianças, com idades entre seis e doze anos, que cursavam, à época das coletas, uma das quatro primei-

6 Os dados de V são coletados em situações cotidianas sem a utilização de instrumentos específicos. São interações da criança com a pesquisadora.

7 O BATALE é composto por vários estratos: (i) 2024 textos produzidos, entre os anos de 2001 a 2004, por crianças de 1ª a 4ª série de duas escolas, uma pública e outra particular; (ii) 507 textos produzidos por crianças de 1º a 4º ano de duas escolas públicas, coletados em 2009; (iii) textos longitudinais de 15 alunos de EJA, coletados em 2009; (iv) 783 textos de 1º a 3º ano produzidos por crianças portuguesas da região do Porto, em 2009; (v) 96 textos de 1º a 4º ano produzidos por crianças portuguesas da região de Lisboa, em 2008.

ras séries do ensino fundamental de duas escolas da cidade de Pelotas-RS⁸. É importante ressaltar que foram analisadas apenas aquelas produções consideradas condizentes com as características de uma escrita alfabética.

A metodologia empregada para a coleta dos textos baseou-se na aplicação de oficinas de produção textual, as quais foram organizadas especialmente para a pesquisa e implementadas durante o período escolar, nas escolas freqüentadas pelas crianças. Cada uma dessas oficinas baseou-se em uma proposta diferente, objetivando sempre o texto espontâneo do aluno, material que melhor revela as hipóteses da criança constrói acerca da linguagem escrita. Para este estudo, foram computadas todas as palavras que apresentavam erros relacionados à grafia das vogais pretônicas, as quais foram extraídas de, aproximadamente, dois mil textos, relativos a dez coletas realizadas nas quatro séries dos anos escolares iniciais.

Serão apresentados ainda, resultados obtidos por meio da aplicação de um instrumento preparado especialmente para a coleta de grafias com palavras que contêm vogais pretônicas sujeitas à HV. O instrumento é um ditado de imagens (para que a criança não tenha a referência auditiva da pronúncia do investigador) composto por vinte e uma figuras (que correspondem a itens lexicais supostamente pertencentes ao léxico das crianças) e frases respectivas, conforme exemplificado em (5). O ditado foi aplicado por integrantes do grupo de pesquisa em turmas de 1^a a 4^a séries.

(5)



Figura1: Excerto do instrumento com palavras com contexto para HV

8 A variável 'tipo de escola', pública ou particular, foi controlada na criação do BATALE, mas não será aqui levada em conta, em razão dos objetivos determinados para o estudo proposto.

Os dados de aquisição da linguagem

Primeiramente será feita referência aos padrões gerais verificados nos dados de V relativamente às vogais na posição tônica e, em seguida, uma amostra dos dados de fala da criança, constituída de palavras em que há contexto para a produção de vogais médias pretônicas, será explorada.

Em relação à aquisição das vogais, duas perguntas podem ser formuladas e a cada uma delas vincula-se a uma hipótese específica, conforme sintetiza o quadro em (5):

(5)

Pergunta 1		Pergunta 2
a criança exibe o mesmo comportamento em relação às vogais independente do seu condicionamento prosódico (os segmentos são adquiridos como entidades de um inventário)?		a criança exibe comportamento diferenciado em relação às vogais dependendo da posição em relação ao acento (os segmentos são adquiridos com base no funcionamento do sistema)?
Hipótese 1		Hipótese 1
o foco da criança recai sobre o inventário segmental e os segmentos são armazenados nas representações lexicais como entidades discretas e autônomas		as crianças são sensíveis às propriedades que condicionam a arquitetura de traços dos segmentos, demonstrando uma percepção mais ampla do sistema fonológico (há diferença no tratamento dispensado às vogais no processo de aquisição)

Nas coletas realizadas quando V estava com idade de 1:05 já se pode observar a emergência de todas as vogais do português, conforme mostram os dados em (6).

(6)

[nã'na]	nanar	1:05	['sẽ ^a sa]	licença	1:05
['uba] ~ ['uva]	uva	1:05	['zɛ]	Vera	1:05
[u'bi]	subir	1:05	[bo'bo]	vovó	1:05
['koku]	porco	1:05	['kau]	carro	1:05
[ko'ko]	cocô	1:05	[o'bãw̃]	Lobão	1:05

Observa-se a produção das sete vogais em posição tônica e há ainda duas palavras nas quais se observa a produção da média dorsal em posição pretônica, são os itens expostos na última linha em (6). Na coleta realizada em março, aos 1:08, observou-se um aumento importante no número de palavras produzidas por V e surge uma flutuação que chama a atenção na produção das vogais médias pretônicas, como mostram os dados em (7):

(7)

[pu'ta] – [bo'ta]	<i>botar</i>	1:08	[pu'ke]	<i>porque</i>	2:02
[o'baw]	<i>lobão</i>	1:08	[pulen'tʃina]	<i>polentinha</i>	2:02
[bo'baw] [bu'baw]	<i>lobão</i>	1:08	[bu'lãw]	<i>bolão</i>	2:02
[pu'ta]	<i>botar</i>	1:09	[tu'pɪnu]	<i>corpinho</i>	2:02
[ki'ʃiʒãw]	<i>requeijão</i>	1:10	[fi'ʃi]	<i>fechei</i>	2:02
[mi'ninu]	<i>menino</i>	1:10	[tu'me tu'mida]	<i>comer comida</i>	2:03
[ko'kɔ]	<i>cocó</i>	1:10	[ku'ʃãw]	<i>colchão</i>	2:03
[si'de]	<i>cedê</i>	2:00	[pu'tãw]	<i>portão</i>	2:03
[mo'e'tõw]	<i>moletom</i>	2:00	[piɔ'tʃinas]	<i>pelotinhas</i>	2:03
[pe'gej]	<i>peguei</i>	2:00	[tu'ma]	<i>tomar</i>	2:04
[to'etʃi]	<i>colete</i>	2:00	[pi'ɔtas]	<i>pelotas</i>	2:04
[fu'inda]	<i>Florinda</i>	2:00	[fi'nis]	<i>feliz</i>	2:04
[pu'tej]	<i>botei</i>	2:01	[api'ta]	<i>aperta</i>	2:04
[bu'ta]	<i>botar</i>	2:01	[suveti]	<i>sorvete</i>	2:04
[ku'etʃi]	<i>colete</i>	2:01	[fu'gãw]	<i>fogão</i>	2:04
[moni'ɲu]	<i>morninho</i>	2:01	[bu'ta]	<i>botar</i>	2:04
[ˈtopo] - [tu'pɪnu]	<i>corpinho</i>	2:01	[fi'ʃo]	<i>fechou</i>	2:04

Os dados em (7) constituem uma mostra representativa da fala de V e revelam a flutuação existente em relação à produção das pretônicas que ora são produzidas como médias, ora como altas. Em relação à produção das médias como altas, chamam atenção dois aspectos. Primeiro o fato de se tratar de uma produção distinta daquela oferecida à criança pelos seus interlocutores. Em vários momentos da gravação, a palavra é repetida pelo entrevistador depois que a criança a produz e ela, logo em seguida, repete a forma confirmando sua pronúncia inicial. Outro aspecto a ser observado é o aumento de formas em que a vogal alta é produzida quando se esperavam médias.

Nas seções seguintes, as mesmas formas apresentadas em (7), além de outras novas continuaram a ser produzidas até 2:04. Depois deste período, as formas que se diferenciavam da forma adulta, quanto à produção das vogais médias pretonicas, foram rareando nas entrevistas e passaram a ser episódicas. Há registro de formas tais como [mauli'li] e [tile'foni] para *Maureli* e *telefone* (2:06). Esta última produção é interessante porque o menino não palatalizou a plosiva coronal, o que pode ser tomado como indicativo que não se trata de um /i/ na forma fonológica e lexical, pois ele criaria contexto para a palatalização. Outras produções em que a prêtonica é produzida como alta continuaram a figurar nas produções de V, como se verifica nas formas [kidʒi] para *Kledir* (2:10) e [migu'ʎej] para *mergulhei* (3:04).

Após o período que os dados recém apresentados ilustram, foi observada uma fala da criança que mostra uma movimentação aparentemente contrária àquela que vinha sendo feita, ou seja, a opção pelo alçamento das vogais pretônicas não apenas nas formas em que o *input* adulto lhe dava informação para isso, mas também em tantas outras como mostram os dados em (7). Aos 3:06, V tem o seguinte diálogo com seus tios, com o objetivo de animá-los a ponto de lhe entregarem um picolé depois de já ter comido vários (8).

(8)

V chega e fala:

[voses nãw̃ vãw̃ akedita nu kjew vi laiⁿsima]⁹

Tia: o quê, querido?

V responde:

[ũw̃ pekolɛ, jɛ azuw, u uwtfimu]

Um dado com este, apresentado em (8), traz reforço à idéia de que a posição pretônica, a modo do que se observou na diacronia, é também para a criança o lugar da instabilidade. Não se observa, em toda a amostra analisada, sequer uma alteração na posição tônica, depois dos primeiros estágios do desenvolvimento fonológico, quer dizer, depois que a criança passou a produzir mais do que cinquenta palavras e tem à sua disposição um maior número de estruturas segmentais e prosódicas, período em que se pode observar com clareza a presença de operações fonológicas que envolvem estruturas menores que a palavra ou o pé (cf. MACKEN, 1979).

Os dados de V orientam uma resposta negativa à primeira pergunta e afirmativa à segunda, conforme formuladas em (5), pois a criança exhibe comportamento diferenciado em relação às vogais dependendo da posição que elas ocupam no sistema: vogais médias são estáveis na posição tônica e instáveis na posição pretônica. Isso parece apontar para a ideia de que os segmentos são adquiridos com base no funcionamento do sistema e não como simples unidade de um conjunto. Em fase de desenvolvimento fonológico é, pois, plausível que crianças produzam formas diferentes da forma alvo já que se trata de processo de aquisição de conhecimento baseado na interação entre capacidade para construir gramáticas e o *input* disponível.

O que se observa é uma percepção, por parte do aprendiz, de que não há oposição forte entre médias e altas fora do escopo do acento, criando-se então o espaço para experimentação de que falam Kiparsky e Menn

9 Estão sublinhadas as sílabas faladas enfaticamente pela criança. (Vocês não vão acreditar no que eu vi lá em cima. Um picolé, e é azul, o último)

(1979). Somente a exposição mais prolongada às formas variáveis poderá se transformar em *input* capaz de reestruturar informações fonológicas já armazenadas. As formas harmonizadas da gramática do adulto serão em um primeiro momento tomadas como base para a criança, ou seja, uma forma largamente ouvida por ela como efeito de HV, [mi'ninu] por exemplo, terá vogais altas e não médias na subjacência.

Uma realidade como esta somente poderá ser abalada e a operação de regras variáveis do sistema adulto observada, depois de larga experiência (no sentido de maior exposição) da criança em sua comunidade de fala ou com seu ingresso na cultura letrada, o que pode começar para algumas crianças na mais tenra infância, como é o caso de V, vindo a se consolidar com o desenvolvimento de práticas de leitura e escrita no âmbito escolar. Considerando-se, como defende Abaurre (1999), que o processo de aquisição da escrita é parte de um processo mais geral de desenvolvimento da linguagem, é possível argumentar em favor dos efeitos da aquisição de um sistema de escrita de base alfabética sobre as representações fonológicas das crianças.

Carol Chomsky (1970) sustentou a ideia de que o conhecimento linguístico não pode ser ignorado na aquisição da escrita, seja porque, neste período, é conhecimento que a criança possui e pode explorar, seja porque a ortografia reflete regularidades significativas que existem em um nível mais profundo. Ao explorar o conhecimento que já possui e que foi adquirido de forma natural e espontânea, o aprendiz poderá atualizar seu conhecimento sobre a língua reestruturando suas representações de forma a aproximá-las das formas compartilhada pelos adultos de sua comunidade linguística. Neste estudo, a hipótese em relação à aquisição de escrita é a de que a substância primária do plano da expressão da língua (os sons), ao serem transpostos para a substância secundária (as letras) trazem à realização unidades formais, elementos abstratos que independem da substância em que se atualizam (fonemas, traços e sílabas), criando-se assim um intervalo para a atualização do conhecimento linguístico.

O estudo de Miranda (2011) sobre os erros na grafia das vogais pretônicas analisou erros de escritas espontâneas extraídos de aproximadamente mil textos produzidos por crianças de 1ª a 4ª séries. Os dados foram analisados com base em uma tipologia que previa as diferentes situações em que o alçamento ocorre em português: i) alçamento da vogal pretônica – ‘*piquena*’ e ‘*governo*’; ii) alçamento da vogal pretônica por harmonia vocálica – ‘*siguiiu*’ e ‘*cumida*’; iii) alçamento da vogal pretônica em hiposegmentações – ‘*mideu*’ e ‘*isifoi*’; iv) alçamento da vogal pretônica em posição inicial – ‘*istrela*’ e ‘*ingracado*’; v) alçamento da vogal pretônica em hiato~ditongo – ‘*semiar*’ e ‘*tiatro*’.

Os achados do estudo mostram comportamento assimétrico entre coronais e dorsais, sendo as primeiras mais suscetíveis ao erro. Nos contextos em que a vogal envolvida é a coronal, há maior incidência de erros decorrentes da HV, da evitação do hiato e do alçamento da vogal coronal de início de palavra, todos com índices semelhantes, em torno dos 25%. Já em relação aos erros na grafia da dorsal, o 'o' é grafado como 'u' em contextos de HV em 50% dos dados. Esta diferença entre coronal e dorsal, em se considerando a distribuição, tem a ver com o menor número de fenômenos que incidem sobre estas, uma vez que, de acordo com as categorias para classificação dos erros mencionadas no parágrafo anterior, os do tipo iii) e iv) não foram encontrados nas grafias de 'o'.

Dos textos espontâneos analisados, foram computadas apenas aquelas grafias referentes aos erros de alçamento sem motivação aparente ou por HV¹⁰. A figura 2, em (9), mostra os dados resultantes da computação dos erros nos textos produzidos por crianças dos anos iniciais.

(9)



Figura 2 – Totalização de erros ortográficos

Observa-se que o número de erros na grafia das pretônicas é maior no registro de palavras que sofrem alçamento sem contexto para HV. É necessário referir que, devido ao fato de terem sido computados apenas os erros, não se pode avaliar, na amostra de dados espontâneos, as mudanças verifi-

¹⁰ Os casos de alçamento verificados em início de palavra com sílaba travada por /N/ ou /S/, não serão tratadas neste estudo porque foge a seu escopo.

cadadas na escrita das crianças com o decorrer das séries, pois o aumento do número absoluto de erros possivelmente esteja relacionado ao aumento de extensão das produções escritas das crianças.

A análise dos dados do instrumento aplicado a 94 crianças das séries/anos iniciais, o qual criava a possibilidade para a grafia de 21 palavras com contexto para HV¹¹, mostra, em relação ao avanço das séries, que apenas ao final do quarto ano o número de erros começa a diminuir, mas a diminuição está condicionada ao tipo de palavra, se mais ou menos conhecida. A grafia de palavras como *cemitério* e *beliche*, por exemplo, apresentam índices de erros superiores a 70% em todas as séries, ao passo que grafias de palavras como *menina* e *coruja* alcança quase 100% de acertos. O quadro apresentado em (10) foi criado a partir dos índices de erros encontrados em uma distribuição que prevê três faixas: até 25%, até 60% e mais que 60%.

(10)

e→i	o→u	o→u /i/
<i>menina</i> <i>menino</i>	<i>coruja</i>	<i>cortina</i> <i>mochila</i> <i>corrida</i>
<i>preguiça</i> <i>vestido</i>	<i>costureira</i> <i>costurando</i>	<i>cozinheira</i> <i>comida</i> <i>policia</i> <i>gorila</i>
<i>seringa</i> <i>cemitério</i> <i>beliche</i>	<i>coturno</i>	<i>sobrinho</i>

As faixas criadas coincidem com a maior ou menor familiaridade das crianças com as palavras. Embora não se tenha um estudo sobre frequência de léxico para crianças escolares dos primeiros anos, as palavras distribuídas nas duas faixas parecem corresponder a intuição de professores dos anos iniciais¹².

De modo geral, o que mostram os dados de escrita analisados é uma coincidência entre o tipo de erro encontrado e os resultados dos estudos sobre a variação. Nos dados em que a HV está envolvida, um olhar mais minucioso sobre as grafias das crianças mostra que variáveis apontadas por Bisol (1981) como favorecedoras da aplicação da regra, tais como a

11 Das 21 palavras, três foram excluídas porque não foram identificadas pela grande maioria das crianças. São elas: *peru* (contexto de alçamento e não de HV, grafado como pavão); e *peludo* (substituída pelas crianças pelas palavras *macio* ou *fofinho*); *coturno* (reconhecida por apenas 3 crianças)

12 Foram consultados dez professores de anos iniciais.

contigüidade (o processo é desencadeado por uma vogal alta contígua), a tonicidade da vogal alta imediata (traço variável que, embora se mostre favorável, não é um requisito para a aplicação da regra) e a homorganicidade (favorecedora da elevação do /e/, como em ‘menino’) são influências que se observam nas grafias das crianças. Também o fato de o /o/ sofrer levantamento, independentemente da homorganicidade, pois o processo se verifica tanto desencadeado pelo /i/ como pela sua homorgânica.

Quanto a representação gráfica de palavras cujo alçamento não apresenta motivação aparente, apesar da maior incidência (540 ocorrências contra 255 de HV), chama atenção o fato de haver pouca variedade de itens lexicais, como exemplificam os dados em (11):

(11)

<i>piquena</i>	<i>sinhora</i>	<i>sussego</i>
<i>buneco</i>	<i>murcego</i>	<i>custela</i>

Os dados de escrita, em (11), nos quais é possível observar a substituição gráfica de um ‘e’ ou ‘o’ por ‘i’ ou ‘u’, mostram que apenas um número muito reduzido de itens lexicais sofre o alçamento nestes casos em que não há motivação contextual claramente definida. Esses resultados convergem para aqueles obtidos em estudos variacionistas do sul e do sudeste, os quais fazem referência aos itens ‘pequeno’, ‘senhora’, ‘sossego’, ‘boneca’ e ‘morcego’ como exemplos de palavras que apresentam alçamento da vogal média de forma sistemática.

Considerações finais

Os dados de aquisição da linguagem oral apresentados neste estudo revelam a constituição do sistema fonológico de uma criança, especificamente em relação à pauta pretônica. A produção de V, das primeiras palavras até os 2:05, oferece elementos para que se possa vislumbrar o modo como o sistema vocálico se constituiu: a emergência dos sete fonemas vocálicos muito precocemente, as tentativas de definir o funcionamento da pauta pretônica e a presença de formas não observadas na linguagem dos adultos, revelando a preferência da criança pela produção de vogais altas. Tais dados são tomados como indícios de que a oposição fraca entre altas e médias altas na língua abre o espaço necessário à experimentação por parte da criança.

As ideias de que a arquitetura dos segmentos vai sendo gradativamente construída ao longo da aquisição (de uma estrutura básica composta por traços responsáveis por distinções mais robustas capazes de opor grandes

classes de sons até a especificação de traços responsáveis por distinções menos robustas); e de que a criança adquire o inventário e concomitantemente as propriedades que condicionam a arquitetura de traços dos segmentos em sua relação com a prosódia, são centrais neste artigo.

No que diz respeito à aquisição da escrita, observa-se que as crianças produzem erros que são respaldados pela ação de processos variáveis, diferentemente do que faz a criança pequena que, durante o processo de aquisição fonológica, está fixada em processos como o de neutralização, mais que em processos que produzem formas variáveis no sentido que se dá a variação, em se considerando um sistema como o do adulto. Por fim, salienta-se que, ao adquirir a escrita, a criança atualiza os conhecimentos linguísticos adquiridos de modo natural e espontâneo e tem a oportunidade de reestruturar suas representações fonológicas, realizando pequenos ajustes.

BIBLIOGRAFIA

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques. Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. In: LAMPRECHT, R. (Org). *Aquisição da linguagem – questões e análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- BATTISTI, Elisa. *Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha*. (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 1993.
- BISOL, Leda. *Harmonização Vocálica: uma Regra Variável*. Tese de Doutorado, UFRJ, 1981.
- BISOL, Leda. Harmonização vocálica como indício de uma mudança histórica. Trabalho apresentado na Abralín (2013) UFRN-Natal (em preparação)
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 23ª ed. Petrópolis : Vozes, [1970] 1995.
- CHOMSKY, Carol. Reading, writing, and phonology. *Harvard Educational Review*, 1970, 40, 287-309.
- CHOMSKY, Noam. *Aspectos da teoria da sintaxe*. 2ª ed. Portugal: Coimbra: Editor- Sucessor, [1965] 1978.
- KIPARSKY, Paul; MENN, Lise. On the acquisition of phonology. In: MACNAMARA, J. (ed.). *Language learning and thought*. New York : Academic Press, 1979. p.47-78.
- KLUNCK, Patrícia. *Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: PUCRS, 2007.

- MACKEN, Marlys. Developmental reorganization of phonology: a hierarchy of basic units of acquisition. *Língua* 49. North Holland Publishing Co. P. 11-49. 1979
- LEE, Seung Hwa; OLIVEIRA, Marco Antônio. Variação inter e intradialetal no português brasileiro: um problema para a teoria fonológica. In: HORA, D.; COLLISCHONN, G. (Org.). *Teoria Linguística: Fonologia e outros temas*. 1ed. Paraíba: Editora da Universidade - UFP, 2003, p.67-91.
- MACKEN, M. Phonological acquisition. In: GOLDSMITH, J. (Ed.). *Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell, 1995.
- MATZENAUER, Carmen Lúcia B.; MIRANDA, Ana Ruth M. Traços distintivos e a aquisição das vogais do PB. In: HORA, D. da. (org). *Vogais no ponto mais oriental das Américas*. João Pessoa: Idéia/UFPB, 2009.
- MATZENAUER, Carmen Lúcia B.; MIRANDA, Ana Ruth M. A Construção do Conhecimento Fonológico na Aquisição da Linguagem. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 20, p. 91-124, 2012a.
- MATZENAUER, Carmen Lúcia B.; MIRANDA, Ana Ruth M. Variação na Aquisição da fonologia. In. BISOL, L. e COLLISCHONN, G. (org). *Fonologia: teorias e perspectivas*. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2012b.
- MIRANDA, Ana Ruth M. As vogais pretônicas do português e os dados de aquisição da escrita. In: FERREIRA-GONÇALVES, G.; KESKESOARES, M.; BRUM-DE-PAULA, M. (orgs). *Estudos em aquisição fonológica*. Santa Maria: Pallotti, 2011. v.4.
- SCHWINDT, Luiz Carlos. A regra variável de harmonização vocálica no RS, In BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. 161-182. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- SILVA NETO, Serafim *História da Língua Portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.
- SOUZA da SILVEIRA, Álvaro Ferdinando. *Lições de Português*, 4ª Ed. São Paulo-Rio, 1940.
- RANGEL, G. de A. *Aquisição do sistema vocálico do Português Brasileiro*. 2002. Tese (Doutorado) – PUCRS, 2002.

Recebido em: 02/04/2013; Aceito em: 30/04/2013